



Índice

11 Prefácio

Luís Machado de Abreu

17 O Nascer das Palavras: Dispersos e Inéditos

Henrique Manuel Pereira

33 I. DISPERSOS (1864-1874)

35 A Infância

36 Os Olhos de Leonora

37 Transfiguração

40 [Ao Sr. Teófilo Braga]

42 O Cura da Minha Aldeia

44 O Livro de um Doido

50 Amores

51 Rosa Pálida

54 Vergiss Mein Nicht

57 Drama entre as Campas

59 O Trovador

61 Sobre uma Campa

62 Canto no Mar

63 Cair do Azul

65 Soneto

66 A Ernesto Rossi

67 A Casilini

68 Visões

72 A Dupla Embriaguez

74 A Queda do Anjo

78 Tipos Exóticos

84 O Concílio

87 O Conde Rodrigo

99	Desalento
101	Memórias do Inferno
104	Amor de uma Noite
106	Melancolia
107	No Mar
109	Orgia
111	Êxtase
112	À Luz da Lua
114	Morena
117	Crianças
120	Teu Filho
123	Por Causa dum Beijo
126	De Noite
129	L.
130	O Teu Olhar
132	Unção
133	Na Soledade
135	Noites
138	Na Eira
140	Um Crucifixo d'Oiro
141	Órfão
144	A Lucinda Simões
145	[Num Outeiro de Abadessado]
146	Maria
148	Fragmentos de uma Comédia
151	Génios
153	Ruínas
155	Açucenas Alemãs
156	Divã
157	A. L.
158	As Praias
163	A Liberdade Científica
166	[Guerra Junqueiro e João Penha]
169	[Despedida de Curso]
170	A Flor da Noite
171	Eurico

172	O Urso Branco
174	Carta ao Sr. Sampaio, Ministro do Reino
179	Bebé
182	Estudos Sociais
186	A Missa Elegante
188	Dois Mártires
189	Parasitas
192	Quadro Geral: composições dispersas (1864-1874), retomadas em obras posteriores

197 II. CARTAS DE GUERRA JUNQUEIRO

199	[1] A Francisca Marcelina Guerra
201	[2] A Teófilo Braga
205	[3] A João Penha
207	[4] Ao redator de <i>A Revolução de Setembro</i>
209	[5] A João Penha
213	[6] A José Gomes Monteiro
217	[7] A José Gomes Monteiro
219	[8] [A José Gomes Monteiro]
220	[9] [A José Gomes Monteiro]
221	[10] [A José Gomes Monteiro]
223	[11] A José Gomes Monteiro
226	[12] [A José Gomes Monteiro]
227	[13] [A José Gomes Monteiro]
228	[14] [A José Gomes Monteiro]
231	[15] A Ramalho Ortigão
233	[16] A Jaime Batalha Reis
235	[17] A Jaime Batalha Reis
236	[18] A Jaime Batalha Reis
239	[19] [A José Gomes Monteiro]
241	[20] A Jaime Batalha Reis
243	[21] [A José Gomes Monteiro]
244	[22] A Oliveira Martins
245	[23] [A José Gomes Monteiro]
246	[24] A Jaime Batalha Reis
247	[25] A Jaime Batalha Reis

- 248 [26] A Jaime Batalha Reis
- 250 [27] A Jaime Batalha Reis
- 251 [28] [A José Gomes Monteiro]
- 252 [29] A Jaime Batalha Reis
- 255 [30] A Jaime Batalha Reis
- 257 [31] A Jaime Batalha Reis
- 258 [32] A Jaime Batalha Reis

261 III. PARA A RECEÇÃO DE A MORTE DE D. JOÃO (1874)

- 263 A Morte de D. João: Poema por Guerra Junqueiro
Alexandre Conceição
- 269 A Morte de D. João
Alberto de Queirós
- 273 A Morte de D. João (por Guerra Junqueiro)
Camilo Castelo Branco
- 277 A Morte de D. João
Gomes Leal
- 283 A Morte de D. João, por Guerra Junqueiro
Silva Pinto
- 295 A Morte de D. João, poema de Guerra Junqueiro
Augusto Fuschini
- 320 A Morte de D. João (A propósito do poema do Sr. Guerra Junqueiro)
Antero de Quental
- 327 A poesia revolucionária e “A Morte de D. João”
(Poema pelo sr. Guerra Junqueiro)
Oliveira Martins
- 351 Guerra Junqueiro: Un nuevo astro
[Tomás] *Rodríguez Pinilla*
- 360 A mi joven amigo Abílio Guerra Junqueiro
[Tomás] *Rodríguez Pinilla*
- 361 Pela praia e pelos campos
Trindade Coelho

- 366 Nota biográfica do organizador

Prefácio

11

LUÍS MACHADO DE ABREU
Universidade de Aveiro

Das muitas entradas possíveis na obra poética de Guerra Junqueiro, *Dispersos & Inéditos* (1857-1874) abrem a porta que dá para o poeta em construção. Partindo do que terá sido o primeiro autógrafo rabisado quando tinha quase sete anos, vai até aos já amadurecidos versos político-sociais de *A Morte de D. João* (1874). Deparamos com um percurso de formação e crescimento em que se afirma a marca lírica, vinco permanente de uma poética aberta às temáticas da mãe, da infância, da comunhão com a natureza, temas que acompanham a marcha evolutiva de assuntos e de estilos.

Os poetas não nascem; cultivam-se. Trazem dentro de si o terreno fértil, propício ao desenvolvimento da imaginação, sensibilidade, espanto, harmonia e gestão da palavra. Como os demais seres humanos, aprendem a falar. Acabam, no entanto, por fazer parte da corporação dos mais prodigiosos artesãos da palavra. Resgatam os vocábulos que andam na boca de toda a gente para com eles explorarem em música verbal cintilações de sentido. No mundo das coisas comuns, mais ou menos úteis, os poetas inscrevem a mágica surpresa de universos simbólicos. São incansáveis descobridores de novos mundos, a eles aportando depois de investirem o sobressalto de paisagens interiores na pregnância semântica do verbo.

As primícias poéticas de Guerra Junqueiro exibem os cenários do teatro íntimo cuja ação decorre desde a subjetividade lírica, quase ingénua, até ao assomo revolucionário do sarcasmo lançado sobre o desatino moral e social de D. João. Passar deste modo da infância nunca perdida às turbulências da militância sarcasticamente agressiva é, como lembra o nosso poeta, ser “monge do Ideal”. Nada tão tradicional como o ambiente de religiosidade católica em que foram vivenciados os anos modeladores do perfil imaginativo e estético do sujeito social em formação. Fruto desse ambiente será, com certeza, o encaminhamento de

Junqueiro adolescente para a Faculdade de Teologia que, decadente havia muito, ainda vegetava na Coimbra doutora. Não foi encontrar aí o saber esclarecido e clarificador das coisas da fé, com que algum dia terá sonhado sossegar as inquietações de crente. Mergulhou, todavia, num núcleo estudantil que se agitava à escuta de ecos vindos de praças europeias onde ideias, movimentos estéticos, novos saberes, gostos desafiadores tumultuavam e acenavam com a invenção de inéditos caminhos de criação. Nesse núcleo de estudantes de Teologia movia-se igualmente João Penha, fundador em 1868 da revista *A Folha* em que Junqueiro, poeta em construção, há de colaborar a partir do primeiro número e colher o aplauso de figuras gradas do mundo literário, como Antero e Oliveira Martins, entre outros. Após dois anos de Teologia, a matrícula no curso de Direito simboliza e consuma a rutura já anunciada nos indícios de lirismo desassossegado patentes em *Vozes sem eco* (1867). Aí se prometia a “festa de novo dia”, contra a tirania dos tronos, em que “o tema seja a igualdade, / Seja Deus a liberdade!”.

O “monge do Ideal” descola assim de tentativas poemáticas, intensamente impregnadas de romantismo pelo cenário cruzadístico, atmosfera claustral e amores infelizes. A urgência desse corte cultural tinha-se intensificado depois da publicação de *Visão dos Tempos e Tempestades Sonoras* (1864) de Teófilo Braga, e de *Odes Modernas* (1865) de Antero. Tornara-se insuportável a estagnação e falta de ousadia nas letras nacionais quando, no dizer de Alexandre da Conceição, “lá fora se esgotavam num ano vinte edições da *Vida de Jesus* de Renan, em Portugal esgotavam-se outras tantas da *Missão Abreviada*.” Para esse corte apelavam ainda as conquistas crescentes da ciência e das suas aplicações técnicas insuflando nas mentalidades o vírus do cientismo. Bem consciente de que “a sociedade moderna perdeu a crença religiosa sem ter adquirido a convicção científica”, Junqueiro sentiria indelevelmente, durante toda a sua vida, a sedução da ciência, a ciência cúmplice do apagamento da crença religiosa. Daí a latência de uma poética do *já não* e do *ainda não* no conjunto da obra, onde o latente se torna obsessivo e cada vez mais patente. Estavam em perda na sociedade oitocentista as convicções religiosas, ao mesmo tempo que a confiança no poder absoluto da ciência forcejava por se implantar. Não podia o poeta moderno

viver de costas voltadas para a ciência nem fora do expansionismo da indústria.

Entre os muitos elementos reveladores de uma singular personalidade artística, *Dispersos & Inéditos* mostram como o juvenil Junqueiro planeou uma produção poética minuciosamente programada. Propôs dedicar a vida de poeta à escrita de quatro volumes em que queria dar voz aos questionamentos da sociedade moderna. No volume final, a que dá o nome de *A Sombra de Fausto*, promete fazer a síntese e apresentar a solução dos “problemas do destino humano”. Em óbvia evocação da *Divina Comédia* chama aos três primeiros volumes Inferno, Purgatório, Paraíso, respetivamente. No entanto, o projeto vai sofrer reajustamentos e atualizações. O título do primeiro volume sairá com o nome de *A Morte de D. João*. Passados quinze anos sobre o primeiro plano editorial, o programa sofre profundas alterações tanto no conteúdo como nos títulos. Em vez de Purgatório e Paraíso, os dois volumes seguintes chamar-se-ão *A Velhice do Padre Eterno* e *A Morte do Padre Eterno*. A natureza do tema tratado faz com que os dois textos sejam complementares e é também muito provável que explique o facto de o segundo título nunca ter sido publicado, tanto mais que o poeta avisou a crítica de que “só reunidos os poderá julgar inteiramente”. Quanto ao último volume, terá agora o título de *Prometeu Libertado* e nele se há de efetivar a síntese da crença e da ciência, de Jesus Cristo ressuscitado e de Prometeu desacorrentado.

Tem, desde há muito, o organizador desta compilação créditos bem firmados como eminente especialista da obra de Guerra Junqueiro. Já nos tinha brindado, em 2016, com as “primícias” da participação do poeta em *A Folha* de João Penha, a partir do primeiro número saído no final de 1868. Reúne agora em novo volume as “primícias” da colaboração no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro*, entre 1870 e 1873, bem como outros textos, entre os quais três composições assinadas pelo pseudónimo Ricardo d’Aragão. Em boa hora torna assim de fácil acesso mais uma fração da fecunda produtividade do jovem poeta, para consumo e deleite de quantos o admiram e não se cansam de ser surpreendidos pela prodigiosa poética do “monge do Ideal”. Oportuno e belíssimo monumento erguido à memória do poeta, quando se celebra o centenário da sua morte física e da sua imortalidade literária!

A meus pais
Domitília Guiomar
Henrique Pereira

A
Lopes de Oliveira
Amorim de Carvalho
Manuela de Azevedo

O Nascer das Palavras

Dispersos e Inéditos

17

HENRIQUE MANUEL PEREIRA

“Oh! deixa-me abraçar o grande castanheiro!
Não te lembras de mim? Eu sou Guerra Junqueiro,
Meu amigo... olha bem... Já te não lembras, não!
Há quantos anos que isso foi, meu velho! Eu era então
Um diabrete, o maior de todos os madraços,
Que aqui vinha saltar, brincar, trepar-te aos braços,
E roubar-te — ladrão angélico, infantil —
As castanhas no Inverno e os ninhos em Abril.
Vingavas-te de mim rasgando-me os calções,
E fazendo-me dar às vezes trambolhões,
Que o mestre nos curava então com palmatoadas.”¹

“Bons tempos esses em que eu sentia despontar
juntamente com o buço a inspiração e os alexandrinos,
e em que me vingava da pequenez dos pêlos do bigode
com a grandeza quilométrica dos versos!”²

-
- 1 Na 1.^a e na 2.^a edição de *A Musa em Férias*, respetivamente de 1879 e 1885. Por que razão, em 1893, na “terceira edição, muito emendada e aumentada”, terá Junqueiro eliminado da obra esta evocação?
 - 2 Prefácio a: Luiz de Andrade, *Caricaturas em Prosa*. Porto: Livraria Moré, Francisco da Silva Mengo, 1876, p. VI. Não apenas esta passagem, mas todo o texto, foi retomado em: Henrique Manuel Pereira [Org.], *Guerra Junqueiro: Prefácios e uma recensão*. Coimbra: Tenacitas-Alforria, 2016, p. 48. As duas primeiras páginas deste prefácio são um nostálgico e crítico olhar de Junqueiro sobre as suas primícias literárias.

1.

O volume que agora se apresenta surge, na sequência de dois outros³, no âmbito da passagem dos cem anos sobre a morte de Guerra Junqueiro (1850-1923). Querendo ser contributo para a (re)organização de um projeto editorial antigo que o tempo dispersou, reúne, pela primeira vez, textos de Guerra Junqueiro, dispersos e inéditos, escritos entre julho de 1857 e fins de dezembro de 1874, isto é, o tempo da infância e juventude do poeta.

Em setembro de 1950, mês em que se cumpriam cem anos do nascimento de Guerra Junqueiro, por meio de um destacado anúncio publicado na imprensa, os editores Lello & Irmão anunciaram o lançamento iminente de uma “edição monumental da obra de GUERRA JUNQUEIRO”, considerada de grande importância. Sob a direção de Lopes de Oliveira, em colaboração com Maria Isabel Guerra Junqueiro, filha mais velha do poeta, tal edição reunia valiosos documentos da colaboração de Junqueiro em revistas e jornais, além de incluir “manuscritos inéditos que, embora já mencionados anteriormente, ainda são totalmente desconhecidos”⁴. Nunca a prometida edição monumental foi publicada, nem mesmo o referido “plano definitivo” chegou ao conhecimento público.

3 Henrique Manuel Pereira [Org.], *Guerra Junqueiro e A Folha: Primícias. Seguido de índice geral da revista*. Coimbra: Tenacitas-Alforria, 2016; Idem [Org.], *Guerra Junqueiro: Prefácios e uma recensão*. Coimbra: Tenacitas-Alforria, 2016.

4 Este, na íntegra, o texto do anúncio: “Os editores LELLO & IRMÃO vão lançar, brevemente – em edição monumental como fizeram no centenário de Eça de Queirós – a obra de GUERRA JUNQUEIRO comemorativa do centenário do seu nascimento, edição que será do mais alto valor por ser limitada às inscrições, e por não voltar a ser reimpressa. / A organização e direcção da mesma foi entregue, pelos editores, ao dr. Lopes de Oliveira que, com D. Maria Isabel, filha do grande poeta, têm reunido valiosos documentos da colaboração de JUNQUEIRO em revistas e jornais, para ser incorporado, nesta edição centenária, o que, dessa colaboração, possa enriquecer a obra do genial Poeta. Serão incluídos também os inéditos manuscritos que, embora anunciados por vezes, são inteiramente desconhecidos. / Brevemente será publicado o plano definitivo da edição, com os volumes que a formará, e o início da assinatura, com as condições da publicação feita pela LIVRARIA LELLO & IRMÃO, editores de toda a obra de GUERRA JUNQUEIRO. / PORTO – Livraria Lello & Irmão / Rua das Carmelitas, 144 // LISBOA – Livraria Aillaud & Lellos Rua do Carmo, 82”. “Edição centenária do genial poeta Guerra Junqueiro”. *O Comércio do Porto* (16 set. 1950),

A correspondência inédita trocada entre António Lello, Maria Isabel Guerra Junqueiro e Lopes de Oliveira, organizador e diretor da Edição, torna possível não só apurar que tal empreendimento foi pensado em treze volumes, como permite reconstituir, com relativo pormenor, a composição de cada um. Por exemplo, o 7.º e 8.º volumes, compostos, respetivamente, por *Prosas Dispersas* e *Horas de Combate*, seriam bastante aumentados; o 12.º conteria “Cartas Escolhidas – Folclore religioso, recolhido por Junqueiro”; e o 13.º volume traria por fim a público os tão desejados “Manuscritos inéditos — Ensaaios Espirituais — Unidade do Ser”, mobilizadores de aturadas procuras, especulações e ruído⁵.

Tanto quanto a leitura da referida correspondência permite perceber, não é arbitrário nem excessivo afirmar que a recolha ficava aquém do exaustivo, escapando, em poesia como em prosa, textos dispersos de assinalável relevância. Em todo o caso, ressalve-se que, tratando-se, à data, de um trabalho em curso, é possível que tais lacunas fossem colmatadas.

p. 4; “Edição centenária das obras do genial poeta Guerra Junqueiro”. *O Primeiro de Janeiro* (16 set. 1950), p. 3, col. 6-8.

- 5 O mais recente destes ruídos terá nascido em outubro de 2023, sendo eu envolvido de modo abusivo: “Os investigadores Henrique Manuel Pereira e Joaquim Fernandes garantem ter obtido recentemente da Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro [...] a confirmação de que a obra se encontra”, etc. Cf. Sérgio Almeida, “Livro inédito de Guerra Junqueiro ‘sequestrado’ pela sua fundação”. *Jornal de Notícias* (16 out. 2023), p. 31. Reagi e demarqueei-me das afirmações do artigo, seja porque desde finais de 1990 que conheço e procuro aqueles textos, como aliás outros inéditos de Guerra Junqueiro, junto da referida fundação, seja porque não concebo a “Unidade do Ser” no quadro de qualquer fenómeno mediúnico, espírita e quejando, o que, aliás, sem ambiguidades, foi exposto no jornal. Foram infrutíferas as minhas solicitações. Contudo, por meio de uma investigação sem mapa e longamente espaçada no tempo, pude organizar “Notas à Margem de uma filosofia e outros escritos filosóficos”, volume com os textos que G. Junqueiro publicou de modo esparso, até 1922, em periódicos, seguindo-se-lhe outros, desde então e até 1955, publicados, presumo, por sua filha. Integravam um dos volumes da proposta de edição das Obras Completas de Guerra Junqueiro que, em 2016, em vão, apresentámos à Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta. Em julho de 2023 partilhei alguns daqueles textos: Henrique Manuel Pereira, *Imagens da Palavra e outras Ilustrações: Guerra Junqueiro, António Carneiro, Teixeira Lopes*. Porto: Museu e Bibliotecas do Porto, 2023.

Como se depreende da carta datada de janeiro de 1949, escrita por António Lello e dirigida a Maria Isabel Guerra Junqueiro, naquele projeto editorial cabia também a recolha dos “mais interessantes artigos e opiniões dos contemporâneos de Junqueiro”, ficando o capítulo final de certo volume dedicado ao Museu Guerra Junqueiro, pelo que, escreve o editor A. Lello, “daremos a conhecer, assim, com a larga expansão que a esse volume estamos resolvidos a dar, a obra carinhosa de V. Ex.^a pela memória de S/querido pai”.

Poderá, pois, avaliar-se da importância daquela “Edição Monumental”, integralmente pensada até sob o ponto de vista formal, com indicações precisas para a tipografia.

Depois de *Memórias – Guerra Junqueiro* (1938), livro pouco mais que circunscrito aos “anos outoniços” do poeta, Lopes de Oliveira consegue publicar, entre 1954 e 1955, *Guerra Junqueiro: A sua vida e a sua obra*, biografia do poeta em dois volumes:

“Dos despojos do trabalho de quatro anos seguidos, votados ao abandono, à dispersão, ao aniquilamento, D. Maria Isabel Guerra Junqueiro de Mesquita Carvalho, sempre atenta, dinâmica, suponho que levaria tudo o que pôde para a sua Casa; eu — que fora Director da Edição do Centenário, já toda preparada, só pelos meus cuidados, e prontos para a impressão a maior parte dos treze volumes de que se compunha — eu apenas disputei no espólio um maço de originais da minha autoria — *Notas bio-bibliográficas e críticas* — que as acompanhariam.”⁶

Em outubro de 1954, Lopes de Oliveira lamentava “não poder organizar, dada a ruína do edifício que tão laboriosamente fui erguendo, e cujos elementos voaram na rajada que o abateu, uma Antologia dos dispersos mais importantes”⁷. Além do mais, aditava, “as coleções dos

6 Lopes d'Oliveira, *Guerra Junqueiro: a Sua Vida e a Sua Obra (1850-1880)*. Lisboa: Edições Excelsior, 1954, vol. I, pp. XXII-XXIII.

7 *Ibidem*, pp. XXIII-XXIV.

velhos jornais em que Junqueiro colaborou, ou já se perderam ou são raríssimas”⁸.

Volvidos mais de sete decénios sobre a vontade de se publicar aquela edição monumental, tudo está (quase) ainda por fazer. A obra de Junqueiro encontra-se hoje maltratada por sucessivas e descuidadas edições, pouco atrativa do ponto de vista estético, além de, em grande medida, dispersa e desconhecida.

Entre janeiro de 1965 e junho de 1972, Amorim de Carvalho trabalhou em *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Não se trata, sublinhe-se, de *obras completas*. “À excepção dos versos jocosos e satíricos e da poesia *O Teu Olhar*, reúne-se aqui apenas o que Junqueiro publicou em livro e o que ele deixou para publicar em livro”⁹. Releve-se a excelente introdução crítica que precede o volume, com particular destaque para as “Notas da leitura de revisão”, laboriosas, na generalidade minuciosas e rigorosas, conquanto nem sempre atendidas nas reedições das obras que corrigem. Pesem embora as emendas e correções feitas na segunda edição do volume (1974), outras haveria a fazer. Lamenta-se, por exemplo, que em *Primeiras Páginas* e *Obras Menores*, das dezenas de composições poéticas que Junqueiro publicou em *A Folha*, apenas se tenha recolhido uma¹⁰. “A repercussão da poesia de Junqueiro e seus tradutores”, bem como a “Bibliografia” e “Apêndice”, manifestam limitações, tanto mais compreensíveis quanto, a partir de Paris, Amorim de Carvalho esclarece que foram elaboradas e escritas “longe de muitos livros de consulta, sobre apontamentos que eu trouxe de Portugal”, com Maria Isabel Guerra Junqueiro “revendo a biografia, aumentando a bibliografia [...] prestando-me informação, trocando impressões e enviando-me de Portugal quase todo o texto que constitui o Apêndice”¹¹. Em carta inédita, de 5 de maio de 1973, enviada de Paris a Edgar Lello, Amorim

8 *Ibidem*, p. XXXIV.

9 Cf. *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello & Irmão, 1972, p. XXII.

10 Justamente “O teu olhar” (cf. *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 1974, p. 93), a qual, na primeira edição (1972), aparecia isolada entre as *Poesias Dispersas* e *Os Simples*.

11 *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 1974, p. LXXX. Doravante, indicaremos esta obra pela sigla OGJ.

de Carvalho é eloquente: “realmente só nós, os Editores e eu, sabemos o que foi a luta de anos e anos para a publicação do livro”.

Recorde-se que, em 1920, Guerra Junqueiro publicou *Poesias Dispersas* e, no ano seguinte *Prosas Dispersas*, reunindo ali textos estampados de forma avulsa em jornais e revistas. “Não é tudo o que tenho disperso. Nem o que presumo melhor”, dirá em junho de 1920. Pretendeu o poeta ser exaustivo? Que critério presidiu à sua recolha? “Muitas dessas produções estando fora do gosto atual estão dentro da orientação atual do meu espírito. Foi esse o critério”¹². E, obviamente, de modo intencional ou por vária ordem de hipotéticas limitações, não reuniu em livro tudo quanto deixou esparso por largas dezenas de publicações periódicas. Neste ponto, mais não faço do que repetir o que há anos venho escrevendo e contribuir para a necessidade de coligir e publicar o número invulgarmente grande de dispersos – Poesia e Prosa – de Guerra Junqueiro.

Passo ao largo de considerações éticas, estéticas ou similares suscitadas pela publicação ou não dos dispersos de um autor após a sua morte. Em apoio das minhas próprias incertezas adoto a posição que Eça de Queiroz preconizou a propósito da publicação póstuma de Victor Hugo:

“Quantos mais documentos se reúnem sobre um homem de génio como Hugo, mais completo se torna o trabalho crítico sobre a sua individualidade e sobre a sua obra. Para alargar e completar o conhecimento dos grandes homens, publicam-se-lhe as cartas, os papéis íntimos – até as contas do alfaiate.”¹³

O trabalho de que agora nos ocupamos organiza-se em três partes. Os dispersos de Guerra Junqueiro, cingidos às balizas temporais

12 A. de B., “Uma voz de profeta: Guerra Junqueiro concede uma entrevista à ‘Pátria’ Poeta, o filósofo e o Patriota”. *A Pátria (Diário da Manhã)* (1 jul. 1920), p. 1, col. 2-3.

13 Eça de Queiroz, *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 345. *Apud* Vitorino Nemésio, *Amor de Nunca Mais, Paço do Milhafre, O Mistério do Paço do Milhafre*. Lisboa-Lajes do Pico: Imprensa Nacional-Companhia das Ilhas, 2018, p.

12. Obra Completa de Vitorino Nemésio: Teatro e Ficção I.

adotadas e compreendendo poesia e prosa, de que se excluem as cartas, reúnem-se na primeira parte. Na generalidade, integram-se no período que Junqueiro esteve em Coimbra e num curto tempo subsequente.

Guerra Junqueiro contava 12 anos de idade quando, em 1862, chegou a Coimbra. Naquela cidade, efervescente de ideias novas e em pleno movimento regeneracionista, passou quatro anos no Liceu (1862/63-1865/66), dois na Faculdade de Teologia (1866/67-1867/68) e cinco na de Direito (1868/69-1872/73). Não repetirei aqui o que sobre esse tempo escrevi já em *Guerra Junqueiro e A Folha: Primícias. Seguido de Índice Geral da Revista* (2016). Será, todavia, importante lembrar que nesse período, e sob a forma de brochuras com extensão desigual, Junqueiro publicou: *Duas Páginas dos catorze anos* (1864), *Misticae Nuptiae* (1866), *Vozes sem Eco* (1867), *Baptismo de Amor* (1868), *Vitória da França* (1870), *A Espanha Livre* (1873), tendo em preparação *A Morte de D. João* (1874), em torno da qual de alguma forma se organiza o presente volume, encerrando a sua primeira parte um quadro geral também indicativo, tanto quanto conseguimos apurar, dos textos que o poeta posteriormente retomou em livro.

Ainda que contraditado, Guerra Junqueiro é incontestavelmente um dos grandes da literatura e cultura portuguesas. Se os dispersos nada acrescentam à sua glória poética “estabelecida e fixa, no seu máximo esplendor”¹⁴, tornam mais completo o trabalho crítico sobre a sua individualidade e obra. Assim pensaria também o autor de *Os Maias*.

Contanto que sempre relativas, são muitas as novidades oferecidas nos dispersos junqueirianos. Dispensso-me de as elencar, mas, e sem atender a graus de importância, sublinho duas: o texto “A Liberdade científica” e o pseudónimo Ricardo d’Aragão.

Em “A Liberdade científica” Guerra Junqueiro antecipa com grande coerência ideias que só mais tarde parecem assomar à superfície da sua escrita e manifesta de forma explícita a característica coragem das suas opiniões. O texto carece de um contexto mais explícito. Na edição de 1 de dezembro de 1872 do jornal católico *A Civilização*, em notícia não assinada, dava-se conta de que “um aluno do 5.º ano jurídico, sendo

¹⁴ *Ibidem*.

chamado à lição, na aula de Direito eclesiástico português, em um dos primeiros dias de novembro último, disse, entre outras coisas,” o que de seguida se dava em resumo, por estas palavras:

“Não sou católico, sou cristão, sem admitir a divindade teológica de Cristo.

Eu interrogo a Igreja católica, e ela responde-me pela boca dos seus doutores e concílios: o homem é mau, nasceu mau, e os filhos do homem devem expiar as culpas dos pais, conquanto nada contribuíssem para as infrações daqueles. A mulher não tem direitos, e é desigual ao homem. Decidiu-se em um concílio, por maioria de três votos, que a mulher tem alma!

Eu interrogo o Estado, e ele, pelos seus códigos, responde-me: o homem é bom, nasceu bom, as penas não se estendem além do delinquente, a mulher é igual ao homem, e por isso tem direitos iguais aos dele.”¹⁵

Segundo o desagradado registo de *A Civilização*, “ocupava a cadeira de lente o sr. dr. Luiz Jardim, que interrompeu o orador, para lhe oferecer uma fútil objeção, pedindo-lhe ao mesmo tempo desculpa”, uma vez que “nessa interrupção só tinha em vista dar-lhe ocasião de desenvolver mais as suas ideias, com as quais estava plenamente de acordo”. Mais, confirmou isso “cumprimentando, no fim da lição, o orador por ter falado *muittíssimo bem*”¹⁶. Podemos hoje, neste volume, ler sem intermediários nem resumos o que o jovem Guerra Junqueiro disse e pensava:

“Quem escreveu o artigo escusava de ocultar o meu nome. Tenho a coragem das minhas opiniões: assino-as.

O anónimo escritor de *Civilização* nega, ao que parece, a liberdade científica. Sob o ponto de vista católico, é esse o seu dever. O catolicismo, como todas as religiões, é intolerante, intransigente, reaccionário. Não discute – afirma: não convence – revela.

¹⁵ “Secção noticiosa”. *A Civilização*, Ano 3.º, Série 2, n.º 34 (1 dez. 1872), p. 271.

¹⁶ *Ibidem*.

Os seus princípios encadeiam-se uns aos outros com uma lógica inabalável. O pedestal da sua ciência é o dogma.”

25

Avancemos. Guerra Junqueiro usou pseudónimo pela primeira vez na eclética revista *A Folha*. “Vasco Hermínio” foi o *nom de plume* que escolheu para assinar “O livro de um doido. (Excerto)”, sendo a única vez que no microcosmo literário fundado e dirigido por João Penha usou esse ou qualquer pseudónimo. Em fevereiro e em março de 1874, pela primeira e, creio, únicas vezes, subscreveu com o pseudónimo Ricardo d’Aragão “A Missa Elegante”, “Dois Mártires (Reclame para uma loja de fazendas brancas)” e “Parasitas”, composições de acentuado conteúdo anticlerical. Nunca daquele *nom de guerre*, expressão que os franceses preferem, eu encontrara notícia e para ele ainda não achei genealogia ou explicação.

Assim, alguns dos dispersos aqui coligidos deixam ver por trás de certas afirmações, ajudam a explicar motivos, permitem corrigir fantasias, desvendar propósitos, surpreender o que fez mover certas engrenagens políticas e/ou religiosas. A vários níveis, é nítida, nos dispersos, a evolução formal de Guerra Junqueiro, as suas reticências, cedências ou hesitações liricamente românticas; neles se manifestam as tentativas de produzir obra de fôlego (tenha ela como título “O Livro de um Doido”, “O Filho da Orgia”, “Inferno”, ou outro); significativos são também os nomes dos eventuais dedicatários dos textos, bem como o de outros nomes que, de forma mais ou menos direta, a ele se ligam, restituindo a uns o lugar proeminente que merecem, e propiciando aos esquecidos nas margens da história escrita o justo resgate. Particularmente relevantes são as retomas dos textos que Junqueiro viria a fazer em obras posteriores; veja-se, por todos, o caso de “Parasitas”, soneto publicado em março de 1874 e, onze anos volvidos, sem qualquer alteração formal ou de conteúdo, integrado em *A Velhice do Padre Eterno* (1885). Os dispersos de Guerra Junqueiro são, portanto, uma proto-história da sua vida literária. Em muitos, sobretudo em certas composições poéticas, se prefigura o futuro grande poeta. A tudo acrescem vantagens mais prosaicas, mas não menos apreciáveis, como o serem eficaz antídoto contra a useira e bocejante repetição de fontes, as cansadas citações e o recurso a informações requentadas em terceira ou quarta mão. O que

parece novidade já foi citação de alguém, sendo dele colhida sem a elementar verificação e a justa referência. Decorre deste simples processo a aparência de certas novidades. Junqueiro, repito-me, e não é caso único, parece condenado a serôdias citações e a uma repetibilidade sem fim de factos distorcidos¹⁷.

2.

Inseparáveis do seu momento histórico, os epistolários são parte integrante das altas figuras de uma cultura. Manuscrita ou dactiloscrita, seja qual seja a forma em que se apresente (carta, telegrama, bilhete postal, simples cartão de visita), obedecendo mais ou menos às convenções em uso, e independentemente do valor literário intrínseco que possa ter, a correspondência privada de um autor nunca é mera troca de palavras ou simples exercício de comunicação. Além do valor testemunhal, objeto de múltiplas abordagens e perspetivas de estudo (biográfica, temática, psicanalítica, sociológica, etc.), o epistolário de um autor é, antes de tudo, uma representação multifacetada do próprio. Não conseguiu ainda, de modo definitivo, libertar-se da qualificação de trabalho de investigação menor. Contudo, iluminando a pouco e pouco a atividade do pensamento e ação, os percursos biográficos e geográficos da personalidade que a escreveu, a correspondência afirma-se como um dos instrumentos de trabalho mais seguros do biógrafo e do investigador, sobretudo quando este se situa no campo específico da crítica genética.

Na correspondência, não raro se acham dados novos, elementos informativos essenciais – leituras, influências remotas ou próximas, a rede de amigos dos autores, as viagens, a bibliografia que lhes diz respeito, os hábitos, processos e ritmos de trabalho, pontos de vista, temas

17 Ilustração desse modo de agir, embora quase inócuo no conjunto da investigação junqueiriana, envolve quem isto escreve e escreveu *As Barbas de Junqueiro* (1999). Sinto que vou morrer com o peso de ter sido a causa inocente de um erro que nem mesmo em estado de delírio me atreveria a escrever: ter Guerra Junqueiro nascido em Ligeiros. Mil vezes interrogado o manuscrito” e versões que enviei para publicação, ali leio Freixo de Espada à Cinta. Por que fados se imprimiu Ligeiros (terra de nascimento de seu Pai) é razão obscura para que nunca encontrei explicação. Facto é que, por via dos referidos modos de investigação, o erro se repete.

recorrentes, a génese de uma obra, a mundividência de uma evolução estética e espiritual, graus de cumplicidade, estratégias e farsas, sistemas dominantes, etc. Por tudo isso, o estudo da epistolografia transcende a análise literária, biográfica ou histórica. De resto, a história não é tão linear e organizada como costumam contá-la os historiadores: “sob a plácida superfície de casualidades” movem-se outras energias que a moldam. O seu estudo está fora do alcance da escrita factual. Não raro, a correspondência denuncia-as, deixando entrever o que estava oculto e parecia impenetrável, trazendo à tona o que a história de uma maneira ou outra submergiu. De forma por vezes surpreendente, tal contribui para a correção de perspetivas ou para o preenchimento de lacunas informativas relativamente aos autores e às suas obras, propiciando novas conexões que permitem uma mais completa e profunda inteligibilidade histórica e crítica. É também por isso que “as cartas dum escritor são incerteza e revelação”¹⁸.

O acervo que adiante se apresenta, composto por trinta e duas cartas, tem duas personalidades dominantes, Jaime Batalha Reis (1847-1935) e José Gomes Monteiro (1807-1879). O primeiro é o destinatário de doze cartas de Junqueiro, o segundo de treze. J. Batalha Reis, figura eminente da Geração de 70, agrónomo, diplomata, não carece de apresentações no contexto em que nos encontramos.

José Gomes Monteiro foi escritor, erudito, bibliófilo, gerente e depois proprietário da prestigiada Livraria Moré, com cuja chancela saiu, em 1874, *A Morte de D. João*. Segundo Pinheiro Chagas, J. Gomes Monteiro “realizava perfeitamente o ideal do editor. Não sacrificava nunca às suas predileções os interesses da casa que geria, mas avaliava os manuscritos que se lhe ofereciam por inspeção própria, e procurava intrepidamente o talento” fora dos nomes já ilustres. Por conseguinte, “quem, senão ele, editaria o primeiro livro do sr. Teófilo Braga?” E “quem ousaria empreender a publicação da *Morte de D. João* de Guerra Junqueiro?”¹⁹.

18 Mário Cesariny, *Cartas para a casa de Pascoaes*. Edição de António Cândido Franco. Porto: Fundação Cupertino de Miranda, 2012, p. 9.

19 Pinheiro Chagas, “José Gomes Monteiro”. *O Occidente (Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro)*, n.º 39 (1 ago. 1879), p. 115, col. 1.

Não determinam a edição do presente *corpus* epistolar razões de ordem estilística, formal ou de pensamento. Por isso não escolhemos as cartas apresentadas, nem começámos *in media res*, mas desde um remoto princípio, como quem procura a mais ínfima radícula documentada ou o lugar fundacional de uma narrativa. Testemunha disso é a carta [1], dirigida a Francisca Marcelina Sanches Guerra, tia de Guerra Junqueiro – irmã mais velha de Ana Maria do Sacramento Guerra, sua mãe – e depois, por casamento do pai em segundas núpcias, madrasta. A referida carta tem a data de 13 de julho de 1857. Quando a escreveu, o futuro poeta estava a escassos dois meses de cumprir sete anos de idade. Escrita a lápis, em papel pautado, é, com grande probabilidade, o primeiro autógrafo de Abílio Manuel Guerra Junqueiro, e a sua primeira missiva.

O conteúdo das cartas adiante apresentadas constrói-se em torno de *A Morte de D. João* e descreve um arco temporal de 1857 a 1874. Desprovido da exuberância verbal que caracteriza o poeta, pauta-se pelo pragmatismo, privilegiando a eficácia da mensagem. Do ponto de vista estético, nada acrescenta ao autor de *Os Simples*. Configura, porém, o que poderíamos designar como dossiê genético de *A Morte de D. João*. Seria o bastante, julgo, para justificar a sua publicação. Todavia, este conjunto permite vislumbrar redes de relações, hábitos e ritmos de trabalho do jovem Guerra Junqueiro, propicia abordagens biográficas, psicológicas, porventura psicanalíticas, bem como a datação ou confirmação/infirmção de outras missivas do poeta de Freixo de Espada à Cinta, pois Junqueiro raras vezes datava as suas cartas convenientemente²⁰.

Neste volume poucas são as que se consideram devidamente datadas, faltando à maioria o ano ou, no limite, qualquer elemento – local, dia, mês, ano – que permita situá-las no espaço e no tempo. Haverá quem a este *modus operandi* chame displicência. As cartas [29] e [32] acrescem certa confissão irónica e porventura a desorientação no tempo de quem traz a cabeça sacudida de ideias e projetos: “desespero”, seguido de data,

20 Sobre esta questão, veja-se, por exemplo: Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro: Percursos e Afinidades*. Lisboa: Roma Editora, 2005, p. 166; Idem, *Guerra Junqueiro: Fragmentos de Unidade Polifónica*. Maia: Cosmorama, 2015, pp. 126-130.

querendo traduzir o local, no caso Freixo de Espada à Cinta, e “não sei quantos de dezembro”, com dia e ano omissos.

O processo de datação é tarefa morosa e de imensa dificuldade. Apresenta graus muito variáveis de complexidade. Exigindo labor beneditino e tenaz, o caminho faz-se por prudentes aproximações, teimosas e hesitantes tentativas, rasuras mais ou menos humildes ou audazes. E, necessariamente, abre espaços de incerteza. Também nesse quadro, em vão se procure uma biografia, uma cronologia ou bibliografia minimamente competentes que nos conduzam. Também em vão se procure um epistolário de Guerra Junqueiro. Encontrando-se algumas poucas cartas publicadas, apresentam-se, não raro, truncadas, censuradas, obliteradas, com graves erros de leitura e de datação, quando não estranhamente fundidas. Em todo o caso, sejam aproximação certa ou distanciamento erróneo, são sempre contributo. À falta de respostas, indicam caminhos, suscitam hipóteses e uma mais correta formulação de perguntas.

Também aqui a dificuldade começa com a recolha, melhor, com a localização dessas cartas. Maria Isabel Guerra Junqueiro tinha razão ao afirmar que “é difícil a tarefa de as obter, porque muitos as guardam ciosamente”²¹. Ainda hoje isso é verdade.

A correspondência de Guerra Junqueiro para José Gomes Monteiro configurou desafio acrescido. Quando, há mais de duas décadas, mão amiga nos facultou cópia datilografada das missivas, nenhuma indicação ou sequer palpite tínhamos da pessoa a quem se destinavam, sendo, portanto, peças soltas em oceano imenso.

A dado passo da nossa investigação, em certa secção da *Seara Nova*²², encontrámos duas das cartas integrantes do conjunto que nos ocupa (cf. cartas [6] e [7]). Expostas sem qualquer nota que as ilumine, foram importante indício conducente ao misterioso destinatário. O achamento do manuscrito autógrafo de quatro das treze missivas (cf. cartas [6], [7], [11], [19]), no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, confirmou o que em nós vinha sendo convicção: José Gomes Monteiro

21 Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro: Percursos e*, p. 234.

22 “Documentos: Cartas inéditas de Junqueiro ao editor Chardron”. *Seara Nova*, n.º 1514 (dez. 1971), p. 32.

era o destinatário da totalidade daquelas cartas. Ignora-se, portanto, o paradeiro do autógrafo de nove, às quais, recorde-se, tivemos acesso por cópia, ignorando-se quem as datilografou e em que circunstância.

Recentemente, na dança dos acasos, tivemos conhecimento de que na *Biblioteca* Municipal Sarmento Pimentel, situada no Centro Cultural Municipal de *Mirandela*, existe um surpreendente espólio epistolográfico composto por cartas de cariz político e literário, encontrando-se ali algumas de Guerra Junqueiro. Quantas? Treze, precisamente, também elas dactilografadas por mão incógnita, sem que se conheça o paradeiro dos manuscritos correspondentes. Trata-se de cópias, afinal, do mesmo conjunto a que nos vimos referindo. Durante anos, acreditou-se terem sido dirigidas a João Maria Ferreira Sarmento Pimentel (1888-1987), o “Capitão sem Medo”, patrono daquela biblioteca.

João Sarmento Pimentel manteve estreita ligação à *Seara Nova*, integrando o corpo diretivo da revista a partir do n.º 34, entre abril de 1924 e, presumivelmente, 1939. Por envolvimento no movimento insurrecional de oposição ao regime, em fevereiro de 1927, foi forçado a exilar-se no Brasil. A sua permanência naquele país, bem como as relações de amizade e influência que ali estabeleceu, ajudarão a perceber o facto de, no seu espólio, se encontrar aquele conjunto de correspondência. No mesmo sentido concorrem duas outras cartas de Guerra Junqueiro a Eduardo Prado, ambas não datadas, que o próprio João Sarmento Pimentel publicou na edição de 5 de março de 1938 da *Seara Nova*. Como explica, uma foi-lhe cedida por Navarro de Andrade, possuidor de uma “preciosa coleção de autógrafos” e “valiosa biblioteca”, amigo de Eça de Queiroz, “afilhado e pupilo de Eduardo Prado”; outra foi transcrita do artigo que Plínio Barreto publicou em fevereiro de 1926, na *Revista do Brasil*, com o título “Eduardo Prado e seus amigos (Cartas inéditas)”²³. Por conseguinte, é muito provável que as duas cartas publicadas na *Seara Nova* em dezembro de 1971 tivessem tido também a interferência de Sarmento Pimentel²⁴.

23 Cf. Sarmento Pimentel, “Duas cartas de Guerra Junqueiro a Eduardo Prado”. *Seara Nova*, n.º 551 (5 mar. 1938), pp. 99-100.

24 Disso procurei dar conta em “Treze cartas de Guerra Junqueiro a José Gomes Monteiro: Para um epistolário”. *Brigantia: Revista de Cultura*, vol. XXXVIII-XXXIX (2020-2021), pp. 589-606, texto que, de resto, aqui seguimos de perto.

No que concerne ao texto de “cartas de Guerra Junqueiro: contributo para um epistolário (1857-1874)”, cumpre dizer que atualizei a ortografia, corriji gralhas de transcrição por demais evidentes e, sobretudo, anotei-o tão minuciosamente quanto possível, embora aquém do meu desejo. A organização das cartas obedece a um critério cronológico, indicando, entre parêntesis retos, as minhas conjecturas e hipóteses quanto a locais e a esse espinhoso processo de datação.

A terceira parte deste volume, “Para a receção de *A Morte de D. João* (1874)”, encontra justificação imediata na carta [19], mais precisamente nesta passagem:

“Desisti da ideia de escrever o folheto a respeito da *Morte de D. João*, porque o Fuschini, Silva Pinto, Alberto de Queirós, A. da Conceição e outros compreenderam e expuseram perfeitamente o meu pensamento. [...]

Mandaram-me hoje um folhetim do Gomes Leal atacando o poema. Veio publicado no *Diário de Notícias* de 5 deste mês. É uma corja de disparates. Vou responder-lhe no *Diário Popular*.”

Como adiante digo, estou convencido de que G. Junqueiro nunca chegou a responder às referidas críticas de Gomes Leal, podendo, anos depois, afirmar com verdade: “Nunca discuti, nem jamais discutirei com quer que seja, o valor literário duma obra minha”²⁵.

Consideremos ainda a carta [21], dirigida a J. Gomes Monteiro. Nela, Junqueiro escreve: “Nos dois últimos n.ºs da *Tribuna* de Lisboa tem vindo um estudo a respeito do meu livro. O autor não sei quem é. Sei isto por ver o sumário da *Tribuna* publicado num jornal.”

O autor, à data desconhecido por Junqueiro, era Ramalho Ortigão, devendo, na avaliação do *Diário Ilustrado*, ser “lido e discutido com grande interesse pelos nossos homens de letras”. Saberá hoje alguém do paradeiro do n.º 31 de *A Tribuna* ou, melhor ainda, daquele texto? Em vão o procurei recolhido em livro e por hemerotecas públicas, privadas e digitais²⁶.

25 *A Velhice do Padre Eterno*, prefácio à 2.ª edição: OGI, p. 327.

26 Apenas como exemplo; o referido periódico não existe na Biblioteca Pública Municipal do Porto; por informação recebida, na BNP, existem poucos números

Discorrer sobre o seu interesse e afirmar que o estudo da receção de Guerra Junqueiro, em Portugal e além-fronteiras, está também por fazer é uma redundância.

É claro para mim, seja qual seja o ponto de vista, que não há necessidade de construir factos em proveito de hipóteses que o expliquem, “defendam” ou enobreçam. A sua vida e obra explicam-no e defendem-no. Trata-se, em suma, de lhe devolver a voz. Bastará isso para que o seu “processo”, preconizado por José Gomes Ferreira e por muitos outros secundado, seja finalmente revisto.

É este um trabalho definitivo, ainda que cingido ao período entre 1857 e 1874? A pergunta é manifestamente retórica. Desde logo, estou em crer que haverá ainda surpresas no dia em que se franquearem as portas que hoje muralham o espólio de Guerra Junqueiro. E algum dia, então, se fará, se não uma edição crítica da obra junqueiriana, ao menos uma obra (tão) completa quanto possível. Tudo é aproximação. Podemos acercar-nos, com traços mais definidores, de uma completude. A menos que estejamos dispostos a enganar-nos, não conseguiremos o perfil ou rosto definitivo.

Os livros mentem, mesmo os mais sinceros. As afirmações, conexões, datações, conjecturas, etc., que aqui fiz poderão ser confrontadas, questionadas, contraditadas e porventura desacreditadas. Em qualquer dos casos, ficarei satisfeito, porquanto indicie leitura e interesse, outra forma de dizer que o poeta de *Os Simples* não está morto.

Manifesto a minha alegria e reconhecimento a Luís Machado de Abreu. É para mim muito significativo tê-lo comigo nestas primícias. Sem o apoio e a cumplicidade do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro, teria sido mais difícil publicar este volume. Por todos, a minha gratidão a Maria Manuel Baptista e a Teresa Cortez.

Porto, 8 de dezembro de 2023

de *A Tribuna*: “de 1874, as existências são o n.º 33 (agosto 1874), o n.º 39 (1874) e o n.º 45 (1874)”; a Biblioteca Pública de Braga, tem apenas o n.º 3, de dezembro de 1871.